



## O APAGAMENTO DE VIRGÍNIA LEONE BICUDO E SEUS TRABALHOS SOCIOLÓGICOS<sup>1</sup>

### THE ERASURE OF VIRGÍNIA LEONE BICUDO AND HER SOCIOLOGICAL WORKS

Rosa Coutinho Schechter

Universidade Federal Fluminense (UFF)

rosacsch@yahoo.com.br

Paulo Eduardo Viana Vidal

Universidade Federal Fluminense (UFF)

paulovidal@id.uff.br

#### RESUMO

Este artigo tem como objetivo fazer um percurso através da vida e das obras sociológicas de Virgínia Leone Bicudo, uma importante intelectual brasileira, socióloga e psicanalista. Ao acompanhar a sua trajetória, identificamos o seu valor para o estudo das relações raciais em São Paulo no século XX, para a instituição da psicanálise no Brasil e outros diversos feitos nos quais sempre esteve à frente do seu tempo. Perguntamos os motivos de Virgínia Bicudo ser pouco conhecida e, por isso, analisamos o seu apagamento enquanto uma mulher negra brasileira. Concluimos que, após uma retomada da figura histórica de Virgínia Bicudo nos últimos anos, ainda pequena quando reconhecemos toda a sua importância, ainda há muita pesquisa a ser feita para que a sua história continue viva entre nós.

**Palavras-chave:** Virgínia Bicudo; relações raciais; psicanálise; apagamento.

#### ABSTRACT

The aim of this article is to visit the life and sociological works of Virgínia Leone Bicudo, an important Brazilian intellectual, sociologist and psychoanalyst. As we follow her trajectory, we identified her importance for the study of race relations in São Paulo in the 20th century, for the institution of psychoanalysis in Brazil, as well as other achievements, always at the forefront of her time. We asked ourselves why Virgínia Bicudo is still largely unknown and, as a result, we analyzed her erasure as a black Brazilian woman. We conclude that, after a resumption of the historical figure of Virgínia Bicudo in recent years, still small when we recognize all her importance, there is still much research to be done so that her history remains alive among us.

**Keywords:** Virgínia Bicudo; race relation; psychoanalysis; erasure.

<sup>1</sup>Artigo redigido a partir da dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF) (SCHECHTER, 2020).

Cá entre nós<sup>2</sup>, você já ouviu falar de Virgínia Leone Bicudo? Sabe que ela escreveu uma das primeiras dissertações sobre relações raciais no Brasil? E que fez parte de uma grande pesquisa financiada pela UNESCO<sup>3</sup>, entrevistando mais de quatro mil alunos em São Paulo, nos anos 1950? Bicudo, por meio das suas pesquisas, observou que o mito da democracia racial no Brasil era uma falácia e que, aqui, existia o preconceito de cor que impedia mulheres e homens negros de ascender socialmente. Não podemos deixar de dizer que Bicudo foi a primeira mulher a ser analisada na América Latina, que participou da fundação e institucionalização da psicanálise no Brasil, foi uma das primeiras professoras negras nas universidades do país, e que extrapolou as portas fechadas dos consultórios, levando a psicanálise para as rádios e jornais. Tudo isso no começo do século XX, sendo uma mulher negra e de origem humilde. Por que não falamos mais de Virgínia Leone Bicudo?

### **1. Uma vida e suas memórias**

Para compor a primeira parte desse trabalho, trazemos um pouco do percurso de Bicudo, que foi professora primária, educadora sanitária, visitadora psiquiátrica, socióloga, professora universitária e psicanalista.

Nascida em São Paulo em 1910, filha de Teóphilo Bicudo, um brasileiro negro e Joana Leone, uma imigrante italiana branca. Ambos se conheceram em uma fazenda de café no interior de Campinas, propriedade de Bento Augusto de Almeida Bicudo, onde trabalhavam com serviços domésticos (TEPERMAN; KNOFF, 2011). Segundo a pesquisa de Gomes (2013), a avó paterna de Virgínia Bicudo havia sido escravizada nessa mesma fazenda e seu nome era Virgínia Julio. Logo, notamos que o próprio nome de Virgínia Leone Bicudo já carrega a história de sua família. O Virgínia da avó paterna, o Leone da família materna e o Bicudo, que representava um costume dos ex-escravizados e seus descendentes de assumir o sobrenome dos donos das fazendas (MORETZSOHN, 2013).

Virgínia Bicudo era a segunda dos seis filhos de Teóphilo e Joana. Ela e suas irmãs se formaram no colegial e, também, como professoras primárias, uma das únicas profissões para mulheres naquele período. Os estudos tinham um lugar importante na família, algo que ficou

---

<sup>2</sup> Iniciamos o artigo inspirados no romance de Toni Morrison (2003), *O olho mais azul*.

<sup>3</sup> Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

marcado na história de Teóphilo Bicudo, impedido de cursar medicina por ser um homem negro. Trabalhando nos Correios e Telégrafos, ele complementava a renda familiar com aulas particulares para aqueles que tentavam ingressar nas universidades de medicina (MAIO, 2010b).

Enquanto trabalhava como professora primária, Bicudo atuou também como educadora sanitária, uma profissão relacionada à promoção de saúde pública por meio da educação. No entanto, havia uma constante inquietação que a levou a buscar algo mais e que a fez estudar sociologia na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (ELSP). Em uma turma de oito pessoas, Virgínia Bicudo era a única aluna mulher e negra. Em entrevista, relatou: “Eu tinha sofrimento, tinha dor e queria saber o que causava tanto sofrimento. Eu colocava que eram condições exteriores. Então pensei que, estudando Sociologia, iria me esclarecer...” (MORETHSOHN, 2013: p. 6).

Foi nas aulas de psicologia social, na ELSP, que Virgínia Bicudo conheceu a psicanálise e a obra de Freud, que lhe proporcionaram o encontro com aquilo que vinha buscando. Nas palavras dela:

Foi dentro desse curso que eu tive a felicidade de, pela primeira vez, encontrar uma noção de conflito psíquico como consequência de conflito entre consciente-inconsciente, um superego, um processo de sublimação, um Freud. Então pela primeira vez eu soube que havia não só conflito entre o indivíduo e o ambiente, mas havia conflito mental, intrapsíquico. Que havia um Freud que tinha estudado isso e que tinha uma teoria a respeito, que era a psicanálise. (BICUDO, 1977: p. 8 apud ABRÃO, 2010: p. 58)

Ao buscar uma formação em psicanálise, encontrou Durval Marcondes - psiquiatra, entusiasta e pioneiro da inserção da psicanálise no Brasil - que lhe indicou a psicanalista Adelheid Koch, judia e alemã que, fugindo do nazismo, se refugiou em São Paulo. Virgínia Bicudo foi a primeira mulher a deitar no divã da Doutora Koch, sendo a primeira a ser analisada na América Latina (ABRÃO, 2010; BICUDO, 1989). O início da psicanálise no Brasil, então, se deu a partir de um encontro entre uma mulher negra e uma mulher judia.

Bicudo trabalhou como visitadora psiquiátrica e professora assistente de Durval Marcondes na ELSP, ministrando a disciplina de Psicanálise e Higiene Mental, no curso de ciências sociais. Em 1947, tornou-se professora adjunta no mesmo curso. Enquanto isso, começou a sua própria clínica, dando início ao seu percurso como analista, função que a acompanhou até o final da sua vida (ABRÃO, 2010).

Movida por uma constante buscar pelo saber, em 1942 Virgínia Bicudo iniciou seu mestrado no curso de pós-graduação da ELSP. Orientada por Donald Pierson, um renomado sociólogo da Universidade de Chicago, pesquisou sobre as relações raciais em São Paulo, algo inovador para a época. Seu trabalho, intitulado *Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo*, tinha por objetivo “conhecer as atitudes do indivíduo de cor referentes ao preto, ao mulato e ao branco” (BICUDO, 1945/2010: p. 63). Analisaremos esse trabalho mais à frente, assim como uma importante pesquisa da qual ela participou, também no campo das relações raciais, para a UNESCO.

Na psicanálise, Virgínia Bicudo integrou o Grupo Psicanalítico de São Paulo, que depois viria a se tornar a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), reconhecida pela *International Psychoanalytical Association* (IPA), a mais importante instituição de psicanálise da época. Toda a sua trajetória na psicanálise esteve atrelada à SBPSP, onde “foi secretária, tesoureira, supervisora, analista didata, professora e diretora da Sociedade em várias gestões” (TEPERMAN; KNOPE, 2011: p. 71).

Uma importante realização foi ter levado a psicanálise para um público leigo, através dos meios de comunicação. Com Virgínia Bicudo, a psicanálise chegou nas rádios, algo impensável nos anos 1950. O programa, intitulado “Nosso Mundo Mental”, trazia artistas representando cenas do cotidiano familiar, seguido de interpretações psicanalíticas de Bicudo. Tendo por base transcrições do programa de rádio, ela passou a publicar, em 1954, uma coluna que saía aos domingos no jornal Folha da Manhã. Em 1956, esse material virou um livro, com o mesmo nome, “Nosso Mundo Mental”, esgotado logo após o seu lançamento. Acessível e de fácil compreensão, o livro tinha por objetivo transmitir a psicanálise e mostrar como a aquisição de conhecimentos psicanalíticos pode contribuir com orientações para pais e educadores em relação às crianças e, também, para as relações familiares, além de destacar a importância da infância para a sociedade.

Em um congresso de saúde mental, em 1954, Virgínia Bicudo foi acusada de charlatanismo, exercício ilegal da medicina e, até mesmo, ameaçada de prisão, por ser uma psicanalista leiga, isto é, não médica. A Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) aceitava em seu núcleo psicanalistas que não tinham formação em medicina, o que não acontecia em outras sociedades de psicanálise no país. De acordo com Bicudo:

Professores da cadeira de psiquiatria da USP estavam contra a psicanálise. Os psiquiatras ficaram contra Durval Marcondes, porque ele formava psicanalistas. A

psiquiatria oficial não aceitava a psicanálise. Os psiquiatras me chamavam de charlatã, achavam que só médico poderia exercer a psicanálise, foi horrível, vocês podem imaginar o que foi? Eu quis morrer... (MORETZSOHN, 2013: p. 10)

Além do incômodo que a psicanálise gerava, havia o fato de que Virgínia Bicudo circulava em ambientes predominantemente masculinos e brancos. Sua figura afrontava uma posição mantida, em geral, por médicos brancos do sexo masculino. Ainda assim, as acusações graves não a detiveram; pelo contrário, percebemos, por meio dos seus relatos, que a instigaram e a moveram adiante, mudando-se, então, para a Inglaterra em 1955.

Em Londres, Bicudo frequentou a Clínica Tavistock e a Sociedade Britânica de Psicanálise, referências nos estudos da psicanálise, além de estabelecer relações com psicanalistas importantes, como Melanie Klein, Ernest Jones e Wilfred Bion. Ao retornar ao Brasil, após cinco anos, Virgínia Bicudo transmitiu aos seus pares na SBPSP os conhecimentos que havia reunido nos seus anos fora. Em especial, as contribuições de Melanie Klein, já que para Abrão (2010), ela exerceu a “condição de representante do pensamento Kleiniano” (p. 169). Além disso, foi importante na implementação da análise de crianças em São Paulo, que pôde impulsionar a partir dos conhecimentos adquiridos na Inglaterra.

Após o seu regresso, Virgínia Bicudo criou o *Jornal de Psicanálise* em 1966 e, também, a *Revista Brasileira de Psicanálise* em 1967. Ambos faziam parte de iniciativas editoriais que tinham o objetivo de divulgar as produções psicanalíticas. Através dessas e outras iniciativas, podemos observar a grande quantidade de artigos publicados por Bicudo em revistas nacionais e internacionais e de trabalhos apresentados em congressos, demonstrando o enorme comprometimento com a transmissão da psicanálise.

Por último, não podemos deixar de fora a iniciativa de Virgínia Bicudo de levar a psicanálise para a capital federal. Recém-inaugurada, Brasília reunia todo o entusiasmo de uma cidade repleta de promessas. Segundo a sobrinha de Bicudo, Rosa Lúcia Zingg:

Na Europa ela ouvia muito falar na fundação de Brasília, ela esteve com Juscelino em Londres em uma festa na embaixada do Brasil. E ela sonhava em levar a psicanálise para a nova capital do Brasil, ela achava que, tratando o poder, ela podia tratar o Brasil (ABRÃO, 2010: p. 211).

Virgínia Bicudo fundou o Grupo Psicanalítico de Brasília e o Instituto de Psicanálise de Brasília (TEPERMAN; KNOPF, 2011) e, por doze anos, se dividiu entre a capital e São Paulo. Dedicada à implementação da psicanálise, empenhada na transmissão e comprometida com seus

pacientes, Bicudo trabalhou até o final da sua vida, quando sua saúde já debilitada a obrigou a interromper a sua atividade clínica. Internada no ano 2002 em uma clínica de repouso, faleceu em 2003 (ABRÃO, 2010).

## **2. Os trabalhos sociológicos de Virgínia Bicudo**

É importante na pesquisa sobre as obras de Virgínia Bicudo constatar que a sua dissertação, seus artigos e livro de psicanálise não têm ampla circulação e que não há edições disponíveis à venda nas livrarias. O que é bastante significativo quando se compreende a importância de Virgínia Bicudo e a dificuldade de acesso aos seus trabalhos. Sua dissertação, defendida em 1945, só foi republicada em 2010, pelo também sociólogo Marcos Maio. Sua pesquisa para a UNESCO, realizada em 1955, não contou com as suas contribuições nas demais edições. Apesar de toda a sua importância e do seu pioneirismo em diversos âmbitos, pouco se fala sobre Virgínia Bicudo.

Diante disso, iremos discutir os seus dois trabalhos na sociologia, já que posteriormente, enquanto psicanalista, Bicudo se debruçou sobre outras questões e não retornou ao tema das relações raciais.

Sua dissertação, orientada por Donald Pierson na ELSP, teve como base entrevistas, estudos de casos, análises de atitudes e documentos do movimento político Frente Negra Brasileira, e do seu jornal *A Voz da Raça*. Virgínia Bicudo pesquisou sobre as atitudes de pretos e mulatos em São Paulo em relação às questões raciais. Para ela, a atitude é definida como:

[...] um elemento da personalidade adequado para o estudo de relações raciais. Sendo a atitude determinada pela natureza original do homem e pelas condições sociais em que vive, é necessário distinguir entre atitudes individuais e atitudes sociais. As atitudes sociais expressam o aspecto subjetivo da cultura e conduzem ao conhecimento das condições sociais que concorreram para sua formação. (BICUDO, 1945/2010: p. 63).

Bicudo dividiu os seus entrevistados em duas categorias, pretos e mulatos. Em relação ao termo mulato, hoje, sabemos que etimologicamente a palavra remete a um animal, fruto de cruzamento entre cavalos e jumentos. É importante ressaltar que, na época, esse termo era usado sem cunho pejorativo, para indicar filhos de pais negros e brancos, ou de pardos e brancos, ou ambos pardos. Essas duas categorias, de pretos e mulatos, foram também divididas em relação a

classe, como inferiores (renda familiar de até Cr.\$500,00) e intermediária (renda familiar acima de Cr.\$500,00).

Os achados da pesquisa foram impressionantes. Ela constatou que a cor era um obstáculo para a ascensão social e que, para os negros, a ascensão não era o suficiente para demover o preconceito baseado na cor. O que não era uma hipótese na época, se contrapondo às teses de seu próprio orientador, que compactuava com a ideia de que aqui o preconceito de cor estaria subsumido ao preconceito de classe e que aqueles que apresentavam certas características (sempre associadas à brancura), poderiam ascender socialmente. De acordo com Maio (2010a), “Os achados sociológicos de sua dissertação de mestrado contrapõe-se às visões tradicionais acerca da existência da harmonia racial na sociedade brasileira” (p. 24).

Virgínia Bicudo observou que os negros das classes sociais intermediárias demonstravam mais atitudes relacionadas à cor do que os negros das classes inferiores, como uma maior sensibilidade e um maior ressentimento por não verem formas de assimilação entre os brancos. Nos casos analisados, viu-se que o contato íntimo entre negros e brancos acarretou, para os primeiros, a incorporação de ideias e atitudes dos brancos para com os pretos, isto é, assimilação e introjeção dos ideais da brancura.

Quanto aos mulatos, Virgínia Bicudo verificou que havia um esforço por parte deles para não serem vistos como negros e que apresentavam uma consciência de cor mais acentuada do que os negros da mesma camada social, tendo uma identificação ainda maior com os brancos. Os mulatos das classes intermediárias apresentavam em suas entrevistas relatos sensíveis em relação à própria cor. Além de vergonha pela própria origem, preconceito racial e sentimentos de inferioridade, para Bicudo os mulatos: “Possuem intenso desejo de passar por brancos, chegando a se verem brancos...” (1945/2010: p. 120) e “Esforçam-se no sentido de escapar da categoria de preto ou mesmo mulato, evitando a companhia daqueles e se aproximando do branco” (1945/2010: p. 120).

Ficou evidente que os mulatos também passavam por diversas discriminações raciais e restrições à própria ascensão social. No entanto, Bicudo constatou que “À medida que o indivíduo ‘branqueia’ na cor e na personalidade, encontra maior aceitação social” (1945/2010: p. 122). Para uma maior aceitação e assimilação dos mulatos aos brancos “é suficiente que os traços raciais sejam atenuados e que o indivíduo apresente valores da classe dominante para ser integrado entre os brancos” (BICUDO, 1945/2010: p. 122). Donald Pierson considerava que os

obstáculos impostos aos negros e mulatos na Bahia poderiam ser superados caso tivessem outros atributos, como inteligência, educação e riqueza. Para Pierson (1942), a cor estaria subordinada à classe e poderia ser ultrapassada, o que não foi observado por Virgínia Bicudo em São Paulo. Para ela, a cor importava tanto quanto a classe social em que se encontrava o sujeito, sendo a consciência de cor dos mulatos, mesmo quando integrados aos grupos dominantes, uma manifestação disso. Segundo Maio (2010a), a pesquisa de Virgínia Bicudo “Evidencia a persistência do preconceito de cor mesmo quando se atenua as diferenças sociais” (p. 24).

Ao discutir a formação de associações negras em São Paulo em 1945, como a Frente Negra Brasileira e seu jornal *A Voz da Raça*, Virgínia Bicudo pesquisou sobre uma associação em que as pessoas se uniam para desenvolver uma consciência grupal por meio da educação, na luta por demover obstáculos para a ascensão social dos negros. Ao perceber que a ascensão social não era suficiente para que não existisse preconceitos baseados na cor, constatou que as pessoas negras criavam consciência de cor, fazendo com que se organizassem politicamente. De acordo com Gomes:

Se Pierson acreditava que o negro que experimentava ascensão social na Bahia era assimilado pelas classes superiores, Bicudo mostrava o contrário. Seria a impossibilidade de assimilação que despertaria no negro a consciência racial e faria com que ele se unisse em associações. (2013: p. 105)

Através da sua pesquisa, Bicudo observou que os dirigentes do grupo do Frente Negra, por intermédio da associação “Procuravam conseguir melhores condições econômicas e físicas, mas visavam também à elevação do nível intelectual e moral do negro, cuidando da instrução, da educação e do desenvolvimento da consciência de cor” (BICUDO, 1945/2010: p. 129). Quanto à análise das atitudes dos negros examinadas no periódico *A Voz da Raça*, Virgínia Bicudo se deteve nos dois últimos anos da publicação do jornal, da 50ª até a 70ª edição, entre os anos 1935 e 1937, de artigos escritos por negros e mulatos no jornal da associação. Para ela, as atitudes em relação à cor de negros e mulatos, observadas tanto nos depoimentos da associação quanto nos artigos do jornal, fundamentam sua hipótese de discriminação de cor do branco para o negro. De modo geral, as suas observações também mostraram que os mulatos de classes intermediárias não faziam parte de coletividades negras, somente os de classe social mais baixa a elas se integravam, sendo, então, considerados como pretos.

Bicudo constatou que as restrições impostas pela barreira da cor não proporcionavam aos negros as mesmas possibilidades de *status* social que aos brancos, mesmo quando ascendiam



socialmente. Já aos mulatos haveria maior possibilidade de inclusão, embora continuassem vivenciando conflitos emocionais em relação à cor. De acordo com Bicudo:

Através dos entrevistados, observamos que o preto e o mulato tem concepção desfavorável de si mesmos, como reflexo da concepção do branco para eles, dada a influência dos contatos primários, principalmente da infância. Consideram-se inferiores, feios e se sentem envergonhados por sua origem. Quanto mais subimos nas classes sociais, tanto mais aumenta a consciência de cor e tanto maior o esforço despendido para compensar o sentimento de inferioridade. (1945/2010: p. 159)

Virgínia Bicudo testemunhou que a ascensão social faz com que negros e mulatos adquiram consciência racial. Ao ascender e não serem incorporados pelos brancos, negros e mulatos se deparam com diversas discriminações em relação à sua cor, que aumentam à medida em que ascendem. Quanto à ideia de que a educação serviria para dissolver o abismo provocado pela discriminação baseada na cor, Gomes (2013) complementa: “Neste trabalho, Bicudo sinaliza também para os efeitos da escolarização superior entre os negros, negando a suposição de que a ascensão social via escolarização seria suficiente para a eliminação do preconceito” (p. 106).

Alguns anos depois, Virgínia Bicudo participou de uma grande pesquisa realizada pela UNESCO em parceria com a editora Anhembi. Com o intuito de compreender como se davam a integração e a interação entre diferentes grupos raciais no Brasil, interpretadas como sendo bem-sucedidas, já que se acreditava que aqui haveria uma democracia racial, a pesquisa tinha o objetivo de usar o exemplo brasileiro para outros países que viviam conflitos étnicos e raciais, como África do Sul e Estados Unidos (CAMPOS, 2016).

Apesar da crença na democracia racial que existia não só entre os leigos, mas também entre os intelectuais da época, a pesquisa, feita pela UNESCO entre os anos 1951 e 1952, demonstrou a existência de preconceito baseado na cor e na discriminação racial. De acordo com Maio:

Na esperança de encontrar a chave para a superação das mazelas raciais vividas em diversos contextos internacionais, a agência intergovernamental teria acabado por se ver diante de um conjunto de dados sistematizados sobre a existência de preconceito e da discriminação racial no Brasil. (1999: p. 151)

“Atitudes dos Alunos dos Grupos Escolares em relação com a Cor dos seus Colegas” foi o último trabalho dentro da temática das relações raciais escrito por Bicudo. O estudo tinha por objetivo evidenciar: “1) – os sentimentos e os mecanismos psíquicos de defesa manifestos nas

atitudes relacionadas com a cor dos colegas; 2) – a influência das relações intrafamiliares no desenvolvimento daquelas atitudes” (BICUDO, 1955: p. 227).

Os participantes da pesquisa eram alunos do primeiro grau dos grupos escolares do município de São Paulo e 29 famílias desses alunos. As famílias eram tanto de classe operária quanto de classe intermediária. A pesquisa contou com o uso de método estatístico e estudos de caso. Para obter dados referentes aos sentimentos, estereótipos e às atitudes entre brancos, negros, mulatos e japoneses, foi aplicado um questionário a 4.520 escolares e feitas entrevistas com os pais de 29 desses alunos.

O questionário aplicado aos alunos tinha oito perguntas, listadas abaixo:

- 1- Perto de quem você gostaria de sentar-se?
  - 2 - Por que você gostaria de sentar-se perto desse (ou dessa) colega?
  - 3 - Dê o nome de outro (ou outra) colega perto de quem você gostaria de sentar-se.
  - 4 - Por que você gostaria de sentar-se perto desse outro (ou dessa outra) colega?
  - 5 - Perto de quem você não gostaria de sentar-se?
  - 6 - Por que você não gostaria de sentar-se perto desse (ou dessa) colega?
  - 7 - Dê o nome de outro (ou outra) colega perto de quem não gostaria de sentar-se.
  - 8- Por que você não gostaria de sentar-se perto desse outro (ou dessa outra) colega?
- (BICUDO, 1955: p. 228)

As escolhas de colegas preferidos ficaram distribuídas da seguinte forma: “90,32% recaíram sobre brancos, 4,49% sobre negros, 3,51% sobre japoneses e 1,68% sobre mulatos, evidenciando-se uma preferência incontestável pelo branco” (BICUDO, 1955: p. 230). Sua pesquisa verificou que os alunos brancos foram os que mais escolheram colegas brancos (91,72%) e que a grande maioria dos escolares dos outros grupos (negros, mulatos e japoneses) também tiveram preferência por um colega branco. Os alunos japoneses foram os que apresentaram porcentagens mais altas de escolha de colega não branco (24,29%) e apenas 20,90% das suas escolhas recaíram sobre japoneses.

Virgínia Bicudo observou que nem todos os brancos escolheram outros brancos para sentar-se ao lado, o que a fez considerar que existem outras características, que não apenas as raciais, que levaram os alunos a fazer escolhas diferenciadas. Os grupos não brancos, com exceção dos mulatos, também apontaram colegas do seu próprio grupo racial como os favoritos para se sentar ao lado, o que mostra que os alunos se identificaram igualmente com seu próprio grupo, na medida em que se escolheram.

Quanto aos mulatos, a pesquisa demonstrou que as suas atitudes de preferência eram as mesmas que as dos brancos, já que escolheram primeiro os brancos, depois os negros e os mulatos – o que levou à constatação de que esses tinham maior identificação com os brancos do que com os outros grupos pesquisados. Esse foi o grupo menos escolhido pelo seu próprio grupo e pelos outros. Virgínia Bicudo fez a seguinte ponderação: “Possivelmente o mulato foi o grupo menos escolhido por incorporar-se e ter sido incorporado aos grupos branco ou negro, ou, então, a menor porcentagem de escolha por ele obtida indica que ele foi o mais rejeitado” (1955: p. 231).

A pesquisa também analisou como a diferença entre sexos atuou dentro das preferências, observando uma possível relação de dependência entre a cor do que prefere e a do preferido dentro de cada sexo. As proporções das escolhas de preferências feitas segundo a cor, divididas por sexo, se deram desta forma: “sexo masculino: brancos 86,20%; negros 6,43%; japoneses 4,40%; mulatos 2,97%; sexo feminino: brancos 86,47%, negros 7,31%; japoneses 3,43%; mulatos 2,79%” (1955: p. 232).

Apesar de serem pequenas as diferenças de escolhas entre os meninos e as meninas, para Bicudo estas seriam “mais exclusivistas do que os meninos” (1955: p. 232), já que as suas preferências recaíram mais sobre os colegas brancos do que as escolhas feitas pelos rapazes. No entanto, ambos os sexos demonstram os mesmos padrões de escolha, apontando primeiro os brancos como os preferidos para sentar-se ao lado, seguidos por negros, japoneses e, por último, os mulatos.

Do mesmo modo, ela examinou a preferência dos alunos segundo a nacionalidade do que prefere e do que é preferido. A nacionalidade dos alunos foi definida de acordo com a nacionalidade dos pais, distribuídos em três categorias: o de brasileiros, estrangeiros e os mistos. Os mistos eram aqueles em que um dos pais era estrangeiro e o outro, brasileiro. Para ser considerado estrangeiro na pesquisa, o escolar teria de ter ambos os pais de outras nacionalidades que não a brasileira.

Na apuração quanto às escolhas feitas segundo as nacionalidades, constatou-se que os alunos que tinham um dos pais brasileiro e o outro estrangeiro foram os que mais deram preferências aos colegas brancos. Para Bicudo, a situação vivida pelo escolar de ser parte de uma família mista faz com que a escolha pelo colega branco seja maior já “que a sua atitude corresponde à expressão de uma defesa psíquica pelo sentimento de insegurança ligado à sua situação de marginalidade” (1955: p. 234).

Assim como as escolhas de preferência, as de rejeição também seguiram um padrão. “O escolar branco rejeitou-se em elevada porcentagem, enquanto foi baixa a porcentagem com que cada grupo de minoria se rejeitou” (BICUDO, 1955: p. 235). Tanto os grupos brancos quanto não brancos rejeitaram muito mais os brancos do que os colegas de outros grupos, que obtiveram baixas taxas de rejeição, o que foi interpretado da seguinte forma: “O fato de o maior número das rejeições dirigir-se contra o branco mostra que os grupos de minoria não atraíram contra si próprios a maior carga de hostilidade” (1955: p. 238). As atitudes de rejeição mais comuns foram contra o branco, seguido do negro, mulato e, por último, o japonês.

Quanto aos negros, esses obtiveram porcentagens de rejeição mais altas do que as de preferência, pois houve rejeição tanto da parte dos brancos como dos negros em relação a si próprios. Para Virgínia Bicudo, as rejeições mais altas do que as preferências podem indicar “uma intensa assimilação das atitudes do branco por parte do negro” (1955: p. 238). Sobre os mulatos, a interpretação é a de que estes demonstraram consciência de grupo mais baixa do que os outros grupos, já que se identificaram mais com os brancos ou com os negros nas suas escolhas de preferências e rejeições.

Nas conclusões da sua pesquisa, Virgínia Bicudo apresentou o aluno branco como aquele que deteve a preferência geral entre os outros alunos. Em seguida, com porcentagens muito mais baixas, as preferências se deram pelos negros, japoneses e, por último, os mulatos. Outros fatores também atuaram nas escolhas dos alunos, já que, ainda que poucos, outros não brancos foram escolhidos. As escolhas de alguns alunos negros por outros colegas negros apontaram uma preferência daquele que escolhe em relação à sua própria cor. Os estudantes negros foram mais rejeitados do que os mulatos tanto pelos meninos quanto pelas meninas, o que, para Bicudo, suscita a hipótese de que a cor da pele mais escura é um fator determinante das rejeições, e a pele mais clara dos mulatos atenuaria a sua rejeição.

Entre os alunos não brancos, foi o negro aquele que mais se rejeitou. Para Virgínia Bicudo, ao rejeitar aqueles da sua própria cor, o negro estaria, então, introjetando as atitudes do branco. Ao reprimirem a sua raiva, ódio e ressentimento contra a discriminação que vivem, os negros passariam a ter os mesmos ideais dos brancos e a fazer as mesmas escolhas discriminatórias. Ainda que os alunos censurassem os reais motivos que os levavam a fazer suas escolhas, seria percebida uma correlação entre a cor daqueles que são escolhidos e dos que escolhem.

O fato de todos os escolares preferidos serem brancos, com exceção de um negro, reforça a hipótese de que eles identificaram o branco com as boas qualidades. A escolha de um negro preferido indica que esta identidade pode ser superada, quando o negro apresente “qualidades de branco.” (BICUDO, 1955: p. 288)

Por fim, Virgínia Bicudo elencou alguns mecanismos psíquicos que foram evidenciados em seu estudo. “a) atitudes recalcadas do branco em relação às pessoas de côr; b) atitude de ambivalência do mulato e do negro para com o branco; c) introjeção dos ideais do branco; d) censura e racionalização das atitudes de discriminação” (1955: p. 292). Todos os grupos seguiram um padrão de escolhas tanto de preferência quanto de rejeição, demonstrando que houve introjeção e transmissão dos mesmos ideais daqueles que eram considerados bons e deveriam ser escolhidos e dos que eram considerados ruins e deveriam ser rejeitados.

O estudo concluiu que o mito da democracia racial era uma falácia. Os negros não só encontravam barreiras para ascender economicamente, como tinham que embranquecer para serem assimilados. As barreiras impostas aos negros nada teriam a ver com uma questão de classe, tampouco de raça, como nos explica Bicudo: “O fato de o mulato com ‘característica de branco’ conseguir integrar-se no grupo de brancos milita a favor da tese pela qual a discriminação do branco contra o negro corresponde a um preconceito de côr e não de raça” (1955: pp. 291-292).

### **3. A invisibilidade é o destino?**

Constatamos, após alguns anos de pesquisa, que a posição ocupada pela figura histórica de Virgínia Bicudo certamente está muito aquém da sua relevância e da magnitude dos seus feitos, todos de caráter pioneiro. Após fazermos um percurso pela biografia de Virgínia Bicudo e os seus trabalhos na sociologia, é necessário que se discuta a invisibilidade do seu legado, assim como o apagamento dos seus trabalhos e de sua trajetória. Essas são questões cruciais para que se compreenda o esquecimento de Bicudo, a despeito de toda a sua importância histórica.

No artigo “Quarto de despejo como imagem da história da psicanálise: o caso Virgínia Bicudo”, Amorim e Moreira (2018) fazem uma analogia com o que seria o lugar para onde são varridos todos os psicanalistas que foram “deixados de fora” (p. 22). Os autores debatem sobre as figuras excluídas da história da psicanálise, tomando a imagem do quarto de despejo, livro de Carolina Maria de Jesus (2014) como metáfora,

[...] para refletirmos acerca da construção histórica da psicanálise que, aparentemente fez-se a partir de um inumerável contingente de psicanalistas que foram “deixados de fora”, marginalizados tanto em suas histórias pessoais quanto em suas obras e esforços nos círculos psicanalíticos. (AMORIM; MOREIRA, 2018: p. 22)

Quando indagamos o motivo pelo qual Virgínia Bicudo é pouco falada, lembrada e debatida dentro da psicanálise, podemos recorrer ao argumento defendido por Amorim e Moreira (2018) de que o movimento psicanalítico e a sua história se constituem a partir das sucessivas exclusões de diferentes psicanalistas por diversos motivos, dos quais, sem dúvida, ela não escapou. O quarto de despejo seria o “lugar em que se acumulam os indesejados, os que atrapalham a narrativa oficial, os que colocam em xeque o cânone (seja histórico, seja teórico)” (AMORIM; MOREIRA, 2018: p. 23). Um lugar para onde Bicudo - mesmo tendo um valor histórico incontestável, com todas as suas credenciais, não obstante seu papel precursor - foi relegada. Esses esquecimentos compulsórios fazem parte não apenas da história da psicanálise, mas da história de todos os intelectuais não brancos.

Não foi apenas na psicanálise que Virgínia Bicudo foi esquecida. Mesmo nas pesquisas sobre as relações raciais no Brasil, os dados de Bicudo foram pouco trabalhados. Seu apagamento também se deu na sociologia, conforme o relato de Gomes (2013):

Embora sua obra seja pequena, sua importância se deve ao fato de que ela faz parte da reflexão da primeira geração de brasileiros formados por pesquisadores estrangeiros que vão pensar sobre relações raciais no Brasil, a partir da influência direta da Escola de Chicago. A primeira tese sobre relações raciais no Brasil foi escrita por uma socióloga negra que acreditava, a despeito da orientação teórica nas ciências sociais daquele momento, na existência de preconceito de cor no Brasil. Ainda assim, mesmo entre os que estudam associações negras em São Paulo, é difícil encontrar referências ao trabalho de Bicudo. (p. 102)

O sistemático apagamento das intelectuais negras no meio acadêmico faz com que o trabalho de Virgínia Bicudo continue fora dos currículos e ainda seja desconhecido por muitos psicólogos, psicanalistas e sociólogos brasileiros. Ao examinar as bibliografias dos cursos das universidades de psicologia, sociologia e das sociedades e escolas de psicanálise, percebe-se a escassez de autores não brancos. Com currículos compostos por autores majoritariamente brancos, confirma-se a sistemática exclusão de negros e indígenas dos espaços acadêmicos. Para Sueli Carneiro (2005), essas “São estratégias de negação, de dúvida, de não-acolhimento, que reiteram a ideia do não-pertencimento, ‘do fora de lugar’ que representa a presença negra na vida universitária” (p. 119).

Podemos analisar a posição de Virgínia Bicudo, que teve um percurso de vida marcado por discriminações raciais e, por muitas vezes, foi a única pessoa negra nos espaços profissionais em que atuava, e a consequência da invisibilidade do seu legado mediante termo cunhado por Boaventura Sousa Santos (1995) e aqui conceituado por Sueli Carneiro: o epistemicídio. De acordo com Carneiro, este:

[...] se constituiu e se constitui num dos instrumentos mais eficazes e duradouros da dominação étnica/racial, pela negação que empreende da legitimidade das formas de conhecimento, do conhecimento produzido pelos grupos dominados e, consequentemente, de seus membros enquanto sujeitos de conhecimento. (2005: p. 96)

O epistemicídio atua como uma produção de inferioridade intelectual imposta aos grupos racializados, “pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento” (CARNEIRO, 2005: p. 97). Quando se nega a produção intelectual de autores e pesquisadores não brancos, impossibilitando tanto a entrada quanto a permanência desses sujeitos e de seus trabalhos nas universidades e locais de ensino, institui-se de forma atroz uma exclusão absoluta e racista.

Constatamos que o epistemicídio, enquanto instrumento, desloca o negro para o lugar de objeto, aquele que não pode construir conhecimento, mas sobre o qual o conhecimento é construído. “Sempre colocado como ‘Outra/o’, nunca como ‘eu’”, nas palavras de Grada Kilomba (2019: p. 78). Carneiro (2005) propõe que o outro em que o negro se desloca é “para uma alteridade que a institui como a dimensão do não-ser humano” (p. 27).

Objetos e fontes de pesquisa, esse outro em que o negro se transforma, são também amplamente debatidos por Frantz Fanon. As consequências do colonialismo, que ainda se fazem presentes, culminam na redução e na exclusão dos negros do meio acadêmico. As práticas atuais do epistemicídio podem ser remontadas ao período colonial, já que, segundo Fanon:

O interesse desse período é que o opressor acaba não se satisfazendo mais com a inexistência objetiva da nação e da cultura oprimidas. Todos os esforços são feitos para levar o colonizado a confessar a inferioridade da sua cultura, transformada em condutas instintivas, a reconhecer a irrealidade da sua nação, e finalmente o caráter inorganizado e não acabado da própria estrutura biológica. (1961/2005: p. 271)

Para Gomes (2013), há uma semelhança entre os trabalhos de Virgínia Bicudo e de Frantz Fanon. Enquanto a tese de doutorado de Fanon em psiquiatria foi rejeitada, a dissertação de Bicudo foi “esquecida não em seu departamento, mas na história do pensamento social brasileiro, durante anos” (GOMES, 2013: p. 99). Durante muito tempo, o livro escrito por Fanon, *Os*

*condenados da terra* (1961/2005), teve o prefácio escrito por Sartre mais reconhecido do que o próprio livro. De acordo com Alice Cherki, uma de suas biógrafas, “O belo prefácio de Sartre a esse livro, que Fanon desejara, parece que foi mais lido, ao longo dos anos, do que o corpo do texto” (2005: p. 15). Não podemos ignorar que esses múltiplos apagamentos, que incidem tanto sobre a obra de Frantz Fanon como de Virgínia Bicudo e de uma lista inumerável de intelectuais negros, fazem parte da sustentabilidade do ideário racista (CARNEIRO, 2005).

Portanto, é importante considerar o desconhecimento de Virgínia Bicudo como uma consequência do destino imposto aos intelectuais negros. A dificuldade de encontrar os trabalhos e publicações de Bicudo já é um analisador que nos conta sobre o lugar ocupado pela sua trajetória e por suas contribuições. Bem diferente da psicanalista que nos anos 1950 teve seu livro de psicanálise esgotado, o livro *Nosso Mundo Mental* (1956) não pode mais ser encontrado nas livrarias. Em contraste com a facilidade que temos ao dispor de inúmeros artigos na internet, os de Virgínia Bicudo não circulam pelas redes e não são fáceis de acessar. Gomes (2013) relatou, em sua tese de doutorado, que, ao procurar pela dissertação de Bicudo na Escola de Sociologia e Política, a encontrou sem conservação adequada. “Uma das primeiras teses defendidas na instituição estava mofada e isso me pareceu bastante significativo” (2013: p. 23).

#### **4. Considerações finais**

Evidenciamos que a posição ocupada pela figura histórica de Virgínia Bicudo certamente está muito aquém da sua relevância e consideramos que o seu apagamento pode e deve ser revertido. A visibilidade do seu nome e a valorização das suas obras e feitos são importantes e devem se fazer presentes nos cursos de graduação, nas publicações, nas sociedades e escolas de psicanálise.

A primeira mulher a fazer análise na América Latina foi também educadora sanitária, visitadora psiquiátrica, socióloga, psicanalista, professora universitária e mais outros tantos predicados que não dão conta de todas as atividades que Virgínia Bicudo desempenhou. Pôde-se confirmar, por meio de seus relatos, que a busca pela sociologia e pela psicanálise se deram pela procura por algo que lhe desse respostas acerca da origem do seu sofrimento oriundo do preconceito de cor. No entanto, os encontros com essas áreas do saber não a detiveram; pelo contrário, a instigaram a prosseguir. Por ter participado da fundação da SBPSP, do Instituto de



Psicanálise de Brasília, criou revistas e jornais de psicanálise, programas de rádio e publicado artigos em jornais com o objetivo de ampliar o horizonte e o alcance da psicanálise, por ter supervisionado tantos analistas e tido uma clínica com inúmeros pacientes, e ainda ter levado a psicanálise para outro Estado, pode-se dizer que o seu papel de transmissão da psicanálise se sobressaiu.

O pioneirismo de Virgínia Bicudo se deu em muitos âmbitos. O seu papel precursor não aconteceu apenas em relação à institucionalização da psicanálise, mas também no início dos estudos raciais no Brasil. Mesmo diante de difíceis circunstâncias, Bicudo teve êxito. A sua persistência e determinação são marcas presentes nas suas entrevistas e nos relatos daqueles que a conheceram.

Virgínia Bicudo e seu próprio pai foram exemplos de ascensão social. Ambos ascenderam em uma época com escassas possibilidades profissionais para pessoas negras. Bicudo demonstrou que a ascensão social fazia com que negros e mulatos adquirissem consciência racial e, então, se articulassem politicamente, já que testemunhavam que a ascensão não era suficiente para demover o preconceito. Para Virgínia Bicudo, ainda havia a questão do gênero. Ela circulava em ambientes eminentemente masculinos e brancos. Foi a única mulher na sua turma de sociologia, em um tempo em que as mulheres não tinham acesso às universidades.

Assim como o seu trabalho para o mestrado, a sua pesquisa para a UNESCO demonstrou que o preconceito no Brasil não era de raça, mas sim de cor, já que os mulatos com características associadas à brancura eram assimilados e integrados aos brancos. Como o sofrimento vindo do racismo lhe era conhecido, a escuta de Virgínia Bicudo para os participantes dos seus trabalhos certamente foi diferenciada. Bicudo abriu espaço para as vozes dos seus entrevistados na sua dissertação e na sua pesquisa para a UNESCO. Os relatos feitos décadas atrás continuam atuais. São relatos de sofrimento, de preconceito, de um racismo que se fazia presente todos os dias, nas ruas, nos trabalhos, nas escolas e também dentro das casas.

Nos últimos anos, houve uma discreta retomada da figura histórica de Virgínia Bicudo. Ainda que desproporcional à sua importância, o seu nome voltou a ser falado. Em 2010, houve a comemoração do centenário do seu nascimento na SBPSP, uma reedição da sua dissertação publicada em livro por Marcos Chor Maio (2010a) e uma biografia escrita por Jorge Luís Ferreira Abrão (2010). A tese de Janaína Damaceno Gomes (2013) teve boa repercussão e possibilitou que o nome de Virgínia Bicudo circulasse nas universidades.

Citada em artigos (MAIO, 2010b; TEPERMAN, KNOFF, 2011; BRAGA, 2016; FRAUSINO, 2018), em dissertação (PENNA, 2019), em tese (SALES, 2018), em livro (BELO, 2018), em matérias de revistas (AMBRA, LIMA 2019; MASSI, 2019), Virgínia Bicudo parece voltar a ter um lugar, ainda que distante daquele que lhe é de direito.

Consideramos que ainda há muita pesquisa a ser feita sobre Virgínia Leone Bicudo. Ainda existem muitos documentos e cartas para serem analisados na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, suas contribuições para a psicanálise foram pouco debatidas, assim como os seus trabalhos sociológicos. As suas obras devem ser mais acessíveis para aqueles que desejam estudá-la. É o seu legado que precisa ter mais circulação. A sua história viva deve permanecer entre nós, para que outras possam ser encorajadas e vividas através do seu exemplo.

### Referências Bibliográficas

ABRÃO, Jorge Luís Ferreira. *Virgínia Bicudo: A trajetória de uma psicanalista brasileira*. São Paulo: Editora Arte&Ciência; Editora Fapesp, 2010.

AMBRA, Pedro; LIMA, Rafael Alves. Apresentação do dossiê "Freud explica? A história da psicanálise no Brasil". *Revista CULT*, São Paulo, ano 22, n. 249, p. 16-17, set. 2019. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/historia-da-psicanalise-no-brasil/>. Acesso em: 04 jul. 2020.

AMORIM, Patrícia Mafra; MOREIRA, Luiz Eduardo de Vasconcelos. "Quarto de despejo" como imagem da história da psicanálise: o caso Virgínia Bicudo. In: BELO, Fábio (Org.). *Psicanálise e Racismo: interpretações a partir de Quarto de Despejo*. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2018, p. 21-32.

BICUDO, Virgínia Leone. Atitudes dos alunos dos Grupos Escolares em relação com a cor dos seus colegas. In: BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan (Eds.). *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo*. São Paulo: Editora Anhembi/UNESCO, 1955, p. 227- 310.

BICUDO, Virgínia Leone. *Nosso Mundo Mental*. São Paulo: Instituição Brasileira de Difusão Cultural, 1956.

BICUDO, Virgínia Leone. Conversando sobre Formação. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 13-20, 1989.

BICUDO, Virgínia Leone. *Atitudes Raciais de pretos e mulatos em São Paulo*. MAIO, Marcos Chor (Org.). São Paulo: Editora Sociologia e Política, 2010a. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, 1945.

BELO, Fábio. Raça como código tradutivo: Uma leitura de “Quarto de despejo”. In: BELO, Fábio (Org.). *Psicanálise e Racismo: interpretações a partir do quarto de despejo*. Belo Horizonte: Relicário, 2018, p. 51-61.

BRAGA, Ana Paula Musatti. Pelas trilhas de Virgínia Bicudo: psicanálise e relações raciais em São Paulo. *Revista Lacuna*, São Paulo, n. 2, s/p, dez., 2016. Disponível em: <https://revistalacuna.com/2016/12/06/n2-01/>. Acesso em: 6 dez. 2016.

CAMPOS, Luiz Augusto. Relações Raciais entre Negros e Brancos em São Paulo: a história de uma edição. *Revista Estudos Políticos*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 620- 627, set., 2016. Disponível em: [https://periodicos.uff.br/revista\\_estudos\\_politicos/article/view/39808/0](https://periodicos.uff.br/revista_estudos_politicos/article/view/39808/0). Acesso em: 24 ago. 2019.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. 2005. 339 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CHERKI, Alice. Introdução. In: FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Tradução de Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005, p. 7-21.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Tradução de Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005. Obra original publicada em 1961.

FRAUSINO, Carlos Cesar Marques. Virgínia Leone Bicudo: Um capítulo da história da psicanálise brasileira. *Calibán, Revista Latino-Americana de Psicanálise*, Montevideo, v. 16, n. 2, p. 178-187, s/d, 2018. Disponível em: <http://www.fepal.org/wp-content/uploads/2020/02/Fronteiras-Culturais-Frausino-Port.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2020.

GOMES, Janaina Damaceno. *Os Segredos de Virgínia: Estudos de Atitudes Raciais em São Paulo (1945-1955)*. 2013. 180 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

JESUS. Carolina Maria de. *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2014.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogo, 2019.

MAIO, Marcos Chor. O Projeto Unesco e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 14, n. 41, p. 141- 158, out., 1999. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69091999000300009>. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69091999000300009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091999000300009). Acesso em: 24 ago. 2019.

MAIO, Marcos. Introdução: a contribuição de Virgínia Leone Bicudo aos estudos sobre as relações raciais no Brasil. In: BICUDO, Virgínia Leone. *Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo*. São Paulo: Sociologia e Política, 2010a, p. 23-60.

MAIO, Marcos. Educação sanitária, estudos de atitudes raciais e psicanálise na trajetória de Virgínia Leone Bicudo. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 35, p. 309-355, dez., 2010b. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332010000200011>. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332010000200011&lng=en&nrm=iso](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332010000200011&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 04 jul. 2020.

MASSI, Marina. Primórdios da psicanálise no Brasil. *Revista CULT*, São Paulo, ano 22, n. 24, p. 30-33, set. 2019. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/primordios-da-psicanalise-no-brasil/>. Acesso em: 04 jul. 2020.

MORETZSOHN, Maria Ângela Gomes. Uma história brasileira. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v. 46, n. 85, p. 209-229, jun., 2013. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352013000200019&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352013000200019&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 21 dez. 2019.

MORRISON, Toni. *O olho mais azul*. Tradução de Manoel Paulo Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

PENNA, William Pereira. *Escrevivências das memórias de Neusa Santos Souza: Apagamentos e Lembranças negras nas práticas psis*. 2019. 124 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal Fluminense, 2019.

PIERSON, Donald. *Negroes in Brasil: a study of race contact at Bahia*. Chicago: University of Chicago Press, 1942.

SALES, João. *Racismo no Brasil: Um olhar psicanalítico*. Rio de Janeiro: Autografia, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela Mão de Alice*. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

SCHECHTER, Rosa Coutinho. *Um percurso através de Virgínia Leone Bicudo – Marcas, Caminhos e Memórias*. 2020. 132 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal Fluminense, 2020.

TEPERMAN, Maria Helena; KNOPF, Sonia. Virgínia Bicudo – uma história da psicanálise brasileira. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v. 44, n. 80, p. 65-77, jun., 2011. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352011000100006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352011000100006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 04 jul. 2020.

\* \* \*

**Rosa Coutinho Schechter:** Psicóloga. Mestre em Psicologia pela UFF.

**Paulo Eduardo Viana Vidal:** Psicanalista. Professor da UFF. Doutor em Teoria Psicanalítica pela UFRJ.

\* \* \*

**Artigo recebido para publicação em:** 29 de setembro de 2020.

Artigo aprovado para publicação em: 01 de dezembro de 2020.

\*\*\*

**Como citar:**

SCHECHTER, Rosa Coutinho; VIDAL, Paulo Eduardo Viana. O apagamento de Virgínia Leone Bicudo e seus trabalhos sociológicos. *Revista Transversos*. Dossiê: O protagonismo das mulheres negras na escrita da História dos Brasis. Rio de Janeiro, n.º. 20, 2020. pp. 87-107. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2020.54841.

